



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

5 de Junho de 1999 • Ano LVI - N.º 1441
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua
Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

A razão e a força

Um carro com visitantes transpõe o nosso portão, logo seguido por uma viatura com forças de segurança.

Estas, friamente, apresentam-me um mandato judicial.

— *Vimos levar a pessoa aí designada.*

Leio e exclamo com surpresa:

— É esta a resposta delicada à carta civilizada que enviei ao Meritíssimo Juiz?

E a Maria é retirada do nosso convívio pelos visitantes, que afinal são seus familiares.

A história, com este final insólito, começou há tempos.

Quando ainda era gaiato, o Alfredo pediu-me para recebermos a irmã com Trissomia 21, dado que a mãe se encontrava muito doente. Quando esta faleceu a pequena ficou nos braços de uma tia, que logo insistiu com o Alfredo para que este a internasse quanto antes, pois não podia ficar com ela.

Recebemo-la vai já em quatro anos. Aos poucos esta adaptou-se ao nosso ambiente familiar e por todos era estimada e até mimada. Sentia-se feliz.

A tia, há poucos meses, vem visitá-la e, com surpresa minha, diz-me que a desejava levar. Respondi-lhe que o irmão era o tutor e sempre desejou que a irmã fosse acolhida pela Obra que o acolhera a ele. Portanto, ela não sairia da nossa Casa.

Mas a senhora não se conformou e, aconselhada pelos Serviços Sociais da sua terra, inicia o processo de uma nova tutela. Para tal recorre ao Tribunal, onde alega que o Alfredo abandonou a irmã, que a «azilou» e que «os senhores doutores sabem como são as coisas nos azilos». O Tribunal, perante factos que não averi-

gua, transfere a tutela para uma prima, filha daquela senhora, que nunca aqui veio vê-la, a não ser, agora, para apresentar a deliberação judicial, confirmando-a como tutora.

Retorqui-lhe que foi o irmão quem me pediu para receber a pequena e só a ele a entregaria se ele o desejasse.

A nova tutora regressa ao Tribunal e este envia-me uma intimação para entregar a Maria, «sob pena de incorrer na prática de um crime de desobediência».

Inconformado, envio, em resposta, uma exposição serena, pedindo ao Meritíssimo Juiz que reconsidere o que será melhor para a pequena, pois é essa a sua missão: — se a estabilidade e o carinho da nossa família, em que tão bem se integrou, ou iniciar uma nova tutela. Afirmei que não são interesses materiais que nos movem dentro da Obra da Rua, o que talvez não aconteça com a nova tutela, pois há bens em causa e a possibilidade de subsídio a terceira pessoa.

A resposta lacónica foi esta: — as forças de segurança, com todo o seu poder, arrancam a Maria de nossa Casa, sem mais explicações.



Doentes do Calvário

Tudo isto é muito estranho, desde a mudança de tutela ao desprezo por quem se empenhou desinteressadamente pelo melhor bem para a pequena.

Entretanto, esta anda de mão em mão como bola dócil nas mãos de jogadores.

— *A gente não a deixa sair* — dizem-me amarguradas as doentes.

— *Mas quem sois vós para enfrentar a Autoridade?!*

Acabo de ouvir o mais alto magistrado do Ministério Público afirmar que alguns juízes

exercem o seu múnus com uma certa prepotência. Mas serão eles livres, com o enleio que lhes é feito na preparação dos processos?

É por caminhos ínvios, como o que todo este processo percorreu, que um País vai deixando de ser um Estado de Direito.

Quis conduzir este processo pela razão. Mas contra a força, não há razão que nos valha.

— *Ó Maria, deixaste saudades!*

Padre Baptista

Nota da quinzena

BEM poderia intitular de *Nota do Quotidiano*, porquanto raro é o dia em que às nossas Casas não cheguem «solicitações de admissão nessa Instituição, com a brevidade possível», para adolescentes cuja situação de risco se deixou degradar em experiências de insucesso previsível à partida.

Tomo o passado 18 de Maio e as duas missivas chegadas nesse dia, uma do Porto, outra de Lisboa. Vamos a esta, que transcrevo na íntegra, ajuntando apenas que o J.P. faz 12 anos no próximo Novembro, frequenta a quarta-classe e é órfão de pai:

«O J.P. deu entrada na Unidade de Emergência no dia 23/09/98, através de mandado de Condução do Tribunal de Menores de Lisboa, estando a residir actualmente no lar residencial "Arco-Íris", por ser este um estabelecimento oficial de acolhimento desta Unidade.

O menor foi encontrado pela autoridade policial a pernoitar na rua, na companhia de outros menores, estando numa situação de negligência e abandono.

Quando contactada pela Polícia de Segurança Pública a progenitora recusou-se a ir buscar o menor. Em contactos com a Unidade de Emergência, demonstrou-se sempre muito disponível e interessada em acompanhar a situação do filho, no entanto, não compareceu a nenhuma das entrevistas marcadas, não o tendo visitado até à presente data.

O J.P. tem boa apresentação física e boa comunicação interpessoal, possuindo um discurso bem estruturado tanto no plano da compreensão como da concepção.

É uma criança sociável, estabelecendo facilmente relação com os adultos e com os seus pares, assumindo uma posição de protecção relativamente aos mais novos.

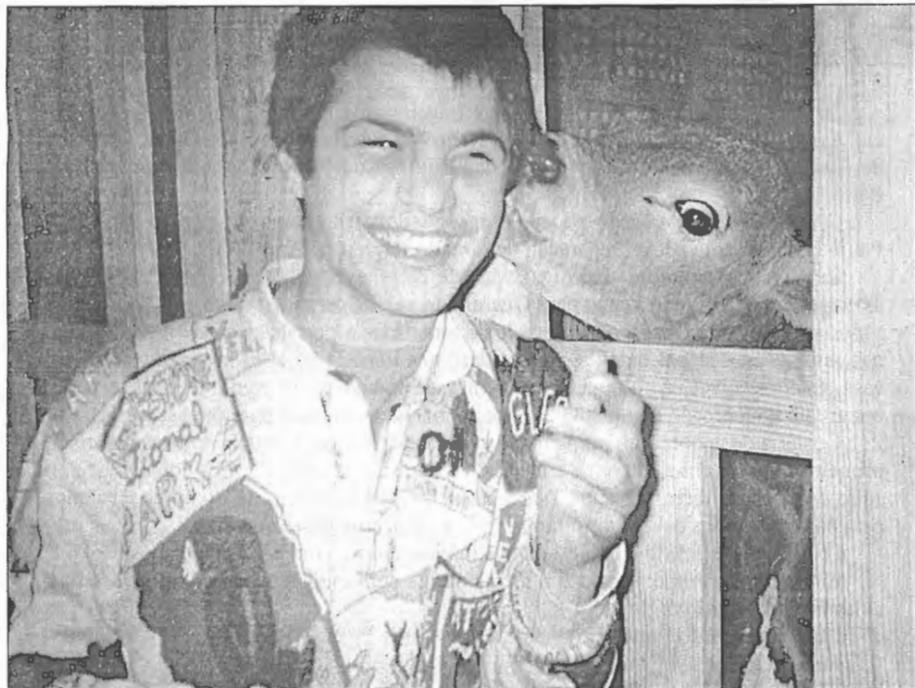
Manifesta um nível de desenvolvimento capaz de atingir resultados escolares dentro ou acima da média dos indivíduos do mesmo nível etário.

Tem alguma dificuldade em aceitar regras, necessitando urgentemente de um acompanhamento e apoio mais específico, que neste momento não é possível no âmbito da Unidade de Emergência, uma vez que para além de não ser esse o objectivo para que foi criada, também não dispõe de recursos quer técnicos e materiais para esse fim.

Dado o exposto, solicitamos a integração do J.P. na vossa Instituição que nos parece reunir as condições desejáveis para apoiar esta criança.»

Aqui temos um relatório esclarecedor que nos permite ajuizar que o J.P. é uma de entre muitas crianças que por aí pululam, para quem a Obra do Padre Américo justamente é: **Família para os sem família.**

Pois que família tem o J.P.? Da «progenitora», temos o perfil no segundo e terceiro parágrafos do relatório.



Pai Américo comentaria, assim, a carícia do bezerro ao «Melão»: «Isto é a Casa do Gaiato!»

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VIÚVAS — A que nos abordou novamente (dizemos novamente porque, em tempos, ajudámo-la a ter casa própria com o indispensável) surge, agora, mas um pouco envergonhada: — *Eu não q'ria pedir mais...!* E disse porquê: — *Fui operada. Era um mal muito grave, mas tenho de ser tratada. Os remédios são tão caros! Gasto à volta de quinze contos por mês. E a pensão não dá pra nada!*

Já fornecemos a primeira remessa de medicamentos, cujo valor não anda longe do que ela afirmou.

— *Se não for possível ajudarem, em tudo, ao menos numa parte. É que eu não sei o que será de mim...!*

Tem filhos menores. Os parentes também são necessitados.

Vamos cuidar de mais uma Pobre!

CARIDADE — Ao rezar o *Angelus*, João Paulo II afirmou: «Neste último ano de preparação para o Grande Jubileu, no qual dirigimos o olhar para Deus, é importante pôr em relevo a maior das virtudes cristãs — a Caridade. A Caridade — acrescentou — no seu duplo aspecto de amor a Deus e aos irmãos, é a síntese da vida espiritual e moral do crente, e encontra em Deus mesmo a sua fonte e a sua meta». O Papa recordou, ainda, que «as novas formas de pobreza e as grandes interrogações que angustiam muitos corações, esperam respostas concretas e oportunas.



Refeitório da Casa do Gaiato de Maputo (Moçambique)

Quem está só ou se encontra à margem da sociedade, quem tem fome, quem é vítima da violência ou não tem esperança, há-de poder experimentar na solicitude da Igreja a ternura do Pai Celeste que, desde o princípio do mundo, pensou em cada homem para enchê-lo da Sua bênção.

PARTILHA — «A pequena lembrança (3.000\$00) da 'avó dos cinco netinhos', de Setúbal. Trinta mil, da assinante 6670, de Quinchães (Fafe): «Lembrem-se de mim em vossas orações. Não preciso que agradeçam». O costume, da assinante 14493, do Porto — «contribuição do mês de Maio, em curso».

Presença curiosa, a do assinante 33888, de Setúbal: «Para comemorar 84 anos de vida, junto dez mil escudos para os vossos Pobres». Parabéns!

«Aí vai mais uma migalha que, acrescida a muitas outras, poderá ter utilidade», afirma o assinante 4395, de V. N. Famalicão.

Os habituais dez mil, do assinante 9790, de Perosinho (Carvalhos), frisando: «que os países em guerra busquem incessantemente a paz e nunca através das armas».

Um remanescente de contos, pela mão do assinante 53241, do Luso, «a fim de aplicarem no que acharem mais necessário». Tanta gente pobre a quem servir!

Mais dez mil, da assinante 14708, de Minde, propondo: «o resto que sobrar é para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. E não é preciso agradecer».

Assinante 62677, do Porto: «Eu sei que para as despesas que têm, é uma migalha; mas é de todo o coração que a envio e espero, brevemente, voltar a repeti-la. Faz, hoje, um ano que o meu querido pai partiu da nossa companhia. Como era leitor assíduo d'O GAIATO, lembrem-se dele». Cumprimos.

«Com esse dinheiro (cinco contos), comprem mercearia e deem à pessoa mais pobre que conhecerem» — sublinha a

assinante 42948, de Leiria.

Mais dois mil, do assinante 33289, de Parede, sem mais quê.

E mais um cheque, da assinante 32925, da Guarda, que «destina aos mais carenciados, por uma intenção particular».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO*, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Associação
de Antigos Gaiatos
e Familiares do Centro

ENCONTRO ANUAL — Estamos a preparar, para 27 de Junho, o nosso *Encontro Anual* na Casa do Gaiato de

Miranda do Corvo, agora com as obras já acabadas e tudo mais airoso e atraente, incluindo o campo de futebol que fica a pedir meças a muitos federados. Vale a pena apareceres!

Será um programa mais ou menos igual ao último: chegada, recepção e serviço de pagamento de quotas, Assembleia Geral para alteração de alguns pontos dos Estatutos, celebração da Missa, almoço e divertimentos.

A ementa voltará a ser da nossa responsabilidade. Poderás trazer apenas uma garrafinha de vinho, pois os sumos e a água serão nossos; o tradicional bolo para a merenda; não esquecendo o equipamento desportivo que poderá ser necessário. E procuraremos arranjar alguns passatempos.

Gostaríamos que fosse o melhor Encontro de sempre (é o que pedimos todos os anos!), mas contamos com o alheamento de alguns, o que nos desgosta. No entanto, temos a garantia dos fiéis — que raramente faltam — ainda

que para isso façam alguns sacrifícios.

Se és nosso associado já terás o programa. Se não és, ficas com uma ideia.

Anunciámos um passeio-convívio em autocarro, para 2 de Maio. Não foi possível concretizá-lo, porquanto apenas conseguimos a anuência de vinte pessoas. Foi pena porque seria um dia bem passado. Ficará para outra oportunidade.

Manuel dos Santos Machado

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Transcrevemos uma circular do Manual da Sociedade de S. Vicente de Paulo que tem por título «*Consolação que se experimenta na visita aos Pobres*»:

«S. Vicente de Paulo diz algures que o Paraíso da terra está, como o do Céu, na caridade e que, entre todas as boas obras, nenhuma é tão agradável como a visita aos Pobres, contanto que, na presença de grandes sofrimentos, procuremos elevar-nos a Deus para receber do Coração de Nosso Senhor algumas palavras de consolação.

Diz S. Vicente de Paulo, noutra lugar ainda, que nunca tinha sentido alegrias mais íntimas do que quando tivera a felicidade de servir os Pobres; e contava que, tendo uma vez perguntado a uma Irmã da Caridade agonizante se sentia remorsos de alguma coisa naquele momento de combate

Retiro de Casais



Retiro em Avessadas (Marco de Canaveses)

De 14 a 16 de Maio realizou-se no Convento dos Frades Carmelitas Descalços, em Avessadas (Marco de Canaveses), o Retiro de Casais da Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, acompanhado de membros das Equipas de Nossa Senhora da região do Porto.

O deste ano foi dedicado a Deus Pai, segundo a trilogia proposta pelo Papa João Paulo II, tendo em vista a preparação do Grande Jubileu do Ano 2000.

Reflectimos, sobretudo, na diversificação da imagem de Deus como Pai de todas as coisas, de Quem tudo vem e para Quem tudo vai. E, perante o facto, nós pais reflectimos também sobre a responsabilidade de tentarmos a perfeição, pelas nossas humanas limitações. Ser pai ou filho não é fácil, nos dias de hoje, desde a educação, em casa, estudos, nível profissional, etc. Temos de trabalhar em conjunto para se poder entrar, até no mercado de trabalho. Ser pai é uma aventura que dura para sempre...

Gostaria de apontar um momento alto do nosso Retiro: a notícia do nascimento do primeiro neto do casal Oliveira e Nanda. A alegria foi festejada. Por coincidência, o Júlio Mendes também fez anos. Na celebração da Eucaristia, de domingo, rezámos pela paz e por todos os amigos e familiares que partiram deste mundo.

Oxalá que no próximo ano estejamos unidos noutro, com a mesma disposição.

Em nome do grupo agradeço a forma amiga como nos receberam em Avessadas, cujas instalações são óptimas!

Para os casais do Porto, um grande abraço.

Bem hajam!

Jorge Alvor

BENGUELA

É preciso inventar remédios contra a guerra

O IÇO o bater das enxadas, ali, em baixo, a preparar a terra para semear flores. Acredito na força do trabalho para construir o homem; acredito na força da Natureza para a educação; acredito na força da beleza para elevar o homem. São os rapazes que preparam a terra; são eles que semeiam as flores; são eles a colhê-las, também. Criá-los em harmonia com a Natureza é fazer deles homens pacíficos.

É preciso inventar remédios contra a guerra que está a desfazer Angola. São as pessoas que fazem a guerra; não-de ser as pessoas a fazer a paz. É na educação para a paz que a guerra será vencida. Vamos agarrar-nos a todos os meios para construir a paz. O segredo duma paz duradoura está nas gerações novas que não querem a guerra. Não têm interesses pessoais a defender. Não querem o poder. Só querem viver e um mundo diferente que lhes fale da vida. O contacto com a Natureza, com as plantas, com as flores, faz gente equilibrada. Que lição admirável a Natureza nos dá! Generosidade e mais generosidade!

Estamos a colher o milho, um fruto do nosso trabalho. O milho, a farinha de milho, continua a ser a menina dos olhos deste povo. Corre atrás dele como quem vai atrás da vida. Mas os caminhos da abundância, os caminhos dos campos e das lavras estão fechados. Admiro a ousadia dos camionistas que se fazem à estrada, vindos do interior com as suas cargas de milho e feijão que vão despejar nos mercados paralelos. É a luta pela sobrevivência, paga, muitas vezes, com a vida e a destruição das viaturas. Com este risco vai-se mantendo a vida de muitos milhares de pessoas. Doutra modo a insegurança seria total.

A Natureza oferece todas as oportunidades boas ao homem. Mas o homem é ingrato e cruel, muitas vezes. Não só não as aproveita, como vai mais longe, agredindo-a e matando-a. Em nossa Casa queremos incutir no rapaz o culto da Natureza. Lembrei-me, de repente, daquela expressão bíblica, do princípio: «E Deus viu que tudo era bom». Quem põe o mal é o homem.

Olho para Angola, abundantíssima em dons naturais de toda a ordem, e vejo-a reduzida à miséria, qual filho pródigo que abandona a casa do pai. Mas é amada. Há-de continuar a ser amada até ao regresso à felicidade do seu povo. É o caminho.

Direitos humanos

É um caminho lento, entretanto. Estão a multiplicar-se os seminários dos direitos humanos. Organizações não governamen-

tais e outras entidades fazem seminários sobre o tema. É uma pedra importante, penso, no alicerce do edifício a construir. É uma arma poderosa ao serviço da paz. O estrondo dos canhões e das palavras de ódio lançadas pelas ondas da comunicação social abafam, muitas vezes, a voz dos direitos humanos.

É curioso o interesse despertado nos nossos rapazes mais velhos pelo tema dos direitos humanos, a que tiveram acesso, algum tempo atrás. Como tudo na vida, o que custa mais é viver o que se aprende. Sabemos, mas não vivemos. Este é, muitas vezes, o drama.

Uma das coisas que mais tem custado a vencer é o roubo. Há uma agravante: a degradação social é tal que as palavras e os valores perderam o seu significado. O contrário faz-se norma de vida. Baixar a linguagem dos direitos humanos ao viver diário é um trabalho acessível e necessário.

Sim, que estes seminários têm ficado, mais ou menos, pelas élites. Que precisam tanto deles como as outras camadas sociais, diga-se.

Ele há tantas coisas boas, em marcha. Há dias, fui procurado por uma organização local virada para a ajuda aos deficientes. Vinham saber se tínhamos alguns deficientes. Temos alguns «atrasados», lá isso temos. Conversámos. Gostei muito da abertura com que falámos. São sinais de que há muita vida latente no meio da destruição e dos escombros, à espera de rebotar com força.

NOTA FINAL: O correio, por vezes, demora, mas traz as cartas e as encomendas.

Aos Amigos e Amigas vai o nosso muito obrigado.

Padre Manuel António

PENSAMENTO

As letras que melhor se vêm, são aquelas que as lágrimas não deixam ver.

PAI AMÉRICO

e de angústias, só recebera esta resposta: — *Acuso-me de ter tido demasiado prazer em servir os Pobres.*

Ah! Devemos, sem dúvida, senhor e caro confrade, respeitar o escrúpulo comovedor que causava algum remorso a esta santa virgem prestes a comparecer perante o Supremo Juiz; mas nós, homens do século, que tantas culpas cometemos em cada dia, peçamos a Deus a graça de reduzir a inquietação da nossa consciência, no momento do terrível trânsito ao receio de ter tido «demasiado prazer em servir os Pobres»; e essa breve imperfeição, que

sem dúvida nos será perdoada antes da nossa separação desta vida, não obstará a que os Pobres que tivermos socorrido na terra venham, segundo a promessa do nosso santo padroeiro, abrir-nos eles mesmos as Portas do Céu.»

(in Circular do Sr. Gossin, Presidente Geral, 8/12/1844)

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

FESTAS — A primeira parte das nossas Festas é uma peça muito bonita que se chama: «O Sonho do Padre Américo», o nosso pai e de todos os gaiatos. Ele é que fun-

dou todas as Casas do Gaiato. Sempre foi um bom Homem, com letra maiúscula.

A segunda parte é composta por peças simples tais como: «os filhos da nação», em que entra o nosso menino mais pequeno que tem dois anos de idade e é da Guiné-Bissau. O resto da segunda parte é feita pelos grandes e pelos pequenos. É muito linda. No final há sempre uma grande merenda oferecida pelos nossos Amigos. Voltamos para Casa muito contentes.

Nós não podemos ir a todas as terras. Queríamos, mas também temos a nossa vida para sustentar. Todos nós queremos passar de ano. Estudar é o nosso principal dever, para um dia sermos homens e não analfabetos. É o objectivo das nossas Festas também.

João da Luz

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 66.200 exemplares.

CARTAS

Inquietação sacerdotal

«Já muito perto dos 89 anos, olho mais para cima do que cá para baixo.

Ainda não agradei o envio do livro Padre Américo — místico do nosso tempo e a conta d'O GAIATO deve clamar contra mim.

Isso que vai, é para pagar o que devo, sendo embora certo que nunca pago tudo.

Assinante 46584»

O GAIATO serve de tema para falar aos jovens

«Ao menos, de ano a ano, dou notícias. Bem me apetece passar por aí, para rever esse ambiente, que não esqueço, e para retomar uma conversa, começada há tantos anos, mas feita quase sempre por escrito.

Mas, o parecer desaparecido, não quer dizer que esteja longe. Ainda, e sempre, a leitura d'O GAIATO, quantas vezes, me serve de tema para falar aos jovens sobre a Obra da Rua, Pai Américo e como é simples, mas exigente, ser cristão.

Assinante 28479»

Festas

Coimbra

As nossas Festas continuam a ser um belo testemunho que os rapazes dão da mensagem de Pai Américo vivida nas Casas do Gaiato. Mensagem que, no essencial, não envelhece e que a experiência de longos anos corrobora. Continua a ser o povo simples, experimentado na grande escola da vida, o que melhor nos entende e nos encoraja. Nas nossas Festas é muito visível e emocionante esta presença.

Já dissemos que o ponto de partida é o encontro do Padre Américo com a miséria e abandono das crianças e pobres, em geral, do seu tempo. Por outro lado, a luta e o esforço contra a inércia dos poderes constituídos e acomodados. Os «Tonecos», os «Manelzitos» e os «Davides» funcionam como tipos, modelos de outros que no nosso tempo continuam a existir com outros nomes e em outros lugares, enfrentando problemas, sem dúvida mais difíceis de resolver. Muitos deles têm encontrado na Casa do Gaiato, ao longo destes anos todos, uma verdadeira família; uma verdadeira mãe; uma mestra da virtude e da arte de bem-fazer. Uma família de irmãos que cresce e se desenvolve no confronto com os valores morais e religiosos, ambos indispensáveis para o crescimento harmonioso do homem todo. Neste sentido se integra a cena dos tribunais diários, entendidos como momentos óptimos de encontro de família e de arte na acção de educar. Insuspeitável, nesta matéria, o desabafo do Padre Américo: «Gosto dos nossos tribunais; dos nossos formidáveis tribunais...». Pai, filhos e irmãos para mutuamente se ajudarem. É o momento da palavra oportuna e da correcção fraterna.

Em cada Festa podem-se descobrir aspectos novos. Um deles, a educação pelo trabalho. Também é magnificamente focado. Pequenas actividades à medida de cada rapaz, das suas capacidades físicas e psicológicas, preparam os pequenos para o futuro e para a vida.

As nossas Festas encimadas pelo lema *Ora et Labora* — «Reza e Trabalha», são um verdadeiro testemunho, repito, de uma forma de educar da qual muito se tem fugido a troco de muitos «manuais» de moda e escritos por gente encartolada, com prejuízo evidente para aqueles sobre quem os ditos manuais se debruçam.

Uma educação para um mundo mais solidário é timbre das nossas Festas.

Padre João

5 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro Aveirense, AVEIRO.

10 de Junho — 15.30 h, Auditório do Instituto da Juventude, CASTELO BRANCO.

11 de Junho — 21.30 h, Cine-Teatro da COVILHÃ.

Setúbal

5 de Junho — 21.30 h, Escola Salesiana do ESTORIL, CASCAIS.

12 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Operária Amorense, AMORA.

19 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.

25 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense, AZEITÃO.

26 de Junho — 21.30 h, Sociedade Capricho Moitense, MOITA.

Lisboa

6 de Junho — Domingo, 15.30 h, Cinema da LOURINHÃ.

Nota da quinzena

Continuação da página 1

Da «família alargada» — figura no momento mui prezada; e com alguma razão porque, autêntica, é tão rara que constitui preciosidade! — decerto houve tempo de a procurar desde 23 de Setembro/98 e dela nada consta. Pois se não tem família, é um dos nossos e estamos prontos a recebê-lo — já agora no fim do ano lectivo, para que não sofra a escolaridade. Mas é um bocadinho tarde, porque embora «sociável e estabelecendo facilmente relação com os adultos e com os seus pares», «tem alguma dificuldade em aceitar regras» e a idade crítica que se avizinha, agravada pela falta de estruturas que temperou a sua

vida até agora, não é o tempo mais propício à aprendizagem e aceitação de regras. Apesar disso, repito, estamos disponíveis para dar esta oportunidade ao J.P., lamentando todavia, que as nossas leis permitam à «progenitora» a impunidade de não querer saber do filho (se fosse de um saco de lixo largado na rua, ou de um veículo mal estacionado, haveria mais rigor!) e exigindo, em troca, que nos deixem em paz com o J.P. depois de o acolhermos. Basta que sejamos nós a recorrer a quem no-lo mandou, se o rapaz não for capaz de adaptação a uma vida com regras, sem as quais não vemos como será possível a verdadeira integração social que se deseja.

A outra carta deste 18 de Maio, vem do Colégio de Santo António, cujo «Conselho Pedagógico sugeriu ao Tribunal de Menores do Porto a aplicação de submissão a regime de assistência ao menor J.F., nascido em 12 de Abril/85».

«Trata-se de um menor oriundo de um meio familiar desestruturado, em que a mãe abandonou o lar para viver com outro homem e o pai, volvido pouco tempo, abandonou também os filhos, ficando estes entregues a si próprios, até que foram despejados da casa onde viviam, por falta de pagamento. É de notar que os irmãos, neste momento já são todos de maioridade.

O pai do menor habita em casa duma irmã e cunhado, não podendo ter o filho consigo, e a mãe refere não ter condições para tomar conta do J.F.

Nestas circunstâncias o menor andou alguns meses com um indivíduo que andava pelas feiras com carrosséis, até que recorreu à P.S.P., dando entrada neste colégio.

Frequenta o quarto ano de escolaridade, prevendo-se que transite este ano lectivo para o segundo ciclo do ensino básico.

Face ao exposto, vimos solicitar o enquadramento insitucional para o menor.»

Aqui temos mais um caso arrastado, do qual não nos é dada a exacta cronologia mas se depreende que sim, que vem de há anos, porquanto depois que a mãe e o pai se foram, «os filhos ficaram entregues a si próprios, até que foram despejados da casa onde viviam»; e «é de notar que os irmãos neste momento já são todos de maioridade».

Entretanto os pais, sejam quais forem as suas razões, continuam a tratar das suas vidas, ao que parece sem qualquer chamamento eficaz às responsabilidades que lhes pertencem por Lei Natural — e haja quem trate da vida dos filhos... se é que tal os preocupa. No entanto, depois dos filhos acolhidos, são capazes de descobrir as suas vísceras parentais e virem imiscuir-se e perturbar a vida dos filhos com o beneplácito farisaico das Autoridades do pelouro. Quantas vezes tal tem acontecido! De quantos atentados desta espécie temos sido testemunhas!

O J.F., agora com 14 anos feitos; com todo um património de queixas contra a sociedade em que teve a desventura de nascer; já com uma certa experiência de vida marginal (pois o que é andar meses com um indivíduo pelas feiras com carrosséis?! — será que ele quer e vai ser capaz de se enquadrar na Família que somos?

Só ele o poderá dizer.

E nós não podemos dizer mais do que dissemos uns dias antes ao Director do mesmo Colégio, a respeito de um caso paralelo que ele nos propunha: Os rapazes que venham estar uns dias connosco e vejam. Depois que reflectam. E se acharem capacidade para «se prenderem» dentro da «porta aberta» que somos — que nos digam, eles, a sua resolução; que nos apresentem, eles, o seu pedido. E então será de tentar dar-lhes o sim.

Padre Carlos

DOCTRINA



Os presos do Limoeiro foram direitinhos à ferida

OS jornais de Lisboa, de 18 passado, diziam de como os reclusos do Limoeiro haviam mostrado a sua generosidade para com um menor de 15 anos que ali foi cair. E até, para que nada da notícia se perca, vai aqui tal e qual: «EM LISBOA. Um gesto generoso dos presos do Limoeiro: Manuel António da Assunção Cruz, vendedor de jornais, morador no Poço do Bispo, foi multado pela Câmara Municipal em 160\$00, por andar a jogar a bola na rua; e, como não tinha recursos, recolheu ao Limoeiro a fim de cumprir a prisão de 16 dias. A chorar, pois tem pouco mais de quinze anos, deu entrada naquela cadeia; mas os presos, achando que seria mais grave a sua permanência de 16 dias na prisão do que satisfazer a multa, fizeram uma subscrição e pagaram os 160\$00 e o Manuel saiu em liberdade».

OS presos do Limoeiro foram direitinhos à ferida. Não conhecem o código da lei, mas conhecem o mal das prisões e não quiseram para o recém-chegado a sorte que têm. Deste lugar onde escrevo, eu beijo humildemente a mão a cada um deles, a quem Deus muito perdoa por muito haverem amado o pequeno jogador da bola.

TRABALHAMOS para que depressa haja na nossa Pátria uma organização de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, à qual o juiz possa confiar o pequenino delinvente como quem entrega um filho ao pai. Casa onde a criança opere a sua própria regeneração por convicção interior, sob o olhar amoroso e compreensivo de quem orienta. Casa onde o trabalho seja alegre, o pão saboroso, a vida feliz; onde eles sintam e compreendam que são amados. Tem pena da minha paixão. Alivia-me do prego que trago no peito. Ajuda-me a fazer a Casa do Gaiato do Porto. A revolução social pacífica tem de ser obra de estrutura. Os ministros ouvem e atendem os revolucionários; e fazem leis novas ou alteram as velhas.

COMO podes dormir em paz depois de ouvires a voz do pedinte, sem colocares nos Depósitos as coisas solicitadas nesta coluna de amor!? Bate no peito, de arrependido, e caminha enquanto há luz, que depressa vem a noite!

Braselina, Porto — Não peça nem dê o seu filho a ninguém. O trabalho de o criar é privilégio de maternidade. Ou quer amar sem sacrifícios?! Cândida, Porto — A sua carta tem nobreza. Felizes os que se preocupam pela sorte da criança pobre. Se visse as cartas, de todos os dias, a pedir lugar para pequeninos larápios das ruas, sem pais, facilmente havia de compreender este simpático non.

D. Amén. S.!

(Do livro Pão dos Pobres — 4.º vol. — Campanha de 1943 a 1944)

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Lançamento da primeira pedra

A Conferência Vicentina tem-se preocupado com a vida, incluindo a habitação dos Pobres da freguesia situada nos arrabaldes da cidade que, no seu desenvolvimento industrial, tem criado muitos postos de trabalho e está também a criar muitos problemas na habitação.

A Conferência Vicentina procura estar atenta e não se aquieta ao modo como muitas famílias vivem — autênticas espeluncas. Já tem procurado e conseguido remediar algumas situações, mas estão sempre a aparecer outras que são autênticos gritos de aflicção.

Agora, pôs em plano a construção de oito moradias que dêem resposta a casos extremos que encontraram. Especialmente a presidente, mãe de sete filhos, o mais novo de meses, tomou apaixonadamente este plano.

Um senhor da freguesia ofereceu o terreno. Os serviços camarários fizeram o projecto. Algumas pessoas deram as suas ofertas. O electricista prontificou-se a fazer a instalação. Pareceu-nos todo um acordar da freguesia!

Estão a pôr em prática aquilo que o Padre Américo tanto pregou: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres».

No domingo, à tarde, fez-se o lançamento da primeira pedra. Estavam presentes: o Pároco com os mordomos da igreja. Um vereador da Câmara com a Assistente Social encarregada do seu serviço na povoação. Bastantes moradores da localidade.

O Pároco começou por ler um texto do Evangelho e disse palavras próprias e



Lançamento da primeira pedra de oito moradias que serão habitação de gente pobre

encorajadoras. A seguir procedeu à bênção da primeira pedra. A presidente da Conferência chamou a atenção de todos para o cuidado que a sociedade deve ter com a vida dos Pobres e o modo como gasta o seu dinheiro.

Era dia de festa na paróquia e todos se dirigiram ao salão paroquial para continuarem o programa festivo.

VÁRIAS vezes temos sido chamados àquela freguesia para vermos e testemunharmos o viver de famílias pobres e numerosas. Sempre temos ajudado e procurado animar as vicentinas a amar e a cuidar dos que se sentem mais abandonados.

Quatro agregados com filhos pequenos, e três deles de meses, estão já, há tempo, à espera: — Estamos à espera que nos arranjem uma casinha para nós vivermos. O lugar onde habitam

só vendo-o se pode acreditar.

Agora, a presidente da Conferência desafiou-nos: — Queriam que fôssemos ver a situação de duas famílias que vivem aqui perto. Formos e, a certa altura, parámos. Uma espécie de habitação serve para abrigar uma delas. Os pais estavam ausentes, pois normalmente andam a ermo e ao ganho. Estavam os cinco filhos.

A mais velha regressou, há dias, da cadeia de Tires. — Só um parece certinho; se sáisse dali ainda podia ser um homem. A de oito anos passa os dias na rua. O de treze, não vai nem quer ir à escola. À nossa insistência argumentou: — A minha avó não sabe ler e ela também se governa.

Seguimos e, à frente, parámos de novo. Nos restos de barraca antiga amontoa-se outra família. Um casal em cima da água deram-nos passagem. Entrámos por uma

porta velha. Só uma divisão pequena serve de três compartimentos: o dos sete filhos; o dos pais aberto para o corredor; e, ao fundo, uma banca e um fogão a ocupar o resto. Não há bancos nem cadeiras.

— Para comermos, tem de ser com os pratos na mão, disse a mãe que, muitas vezes, anda por lá ao ganho.

Só o filho mais velho trabalhava como ajudante de calceteiro.

Dali, fomos ao terreno onde serão construídas as oito moradias que hão-de ser habitação desta pobre gente.

Com esperança regressámos a Casa meditando o que poderiam fazer as Conferências Vicentinas, se se apaixonassem pelo viver dos seus Pobres. Como a nossa sociedade humana seria muito mais fraterna! Todos poderiam ter a sua desejada habitação!

Padre Horácio